



— BRASIL

RIO DE JANEIRO



2º ENCONTRO
INTERNACIONAL DE
ARTE NEGRA

● THE EBONY
ECUMENICAL
ENSEMBLE

● NIGÉRIA

● CANTO LIVRE
DE ANGOLA

● AMANDLA
REPRESENTATION
ANC

● ARTISTAS
EXILADOS DA
ÁFRICA DO SUL

MOÇAMBIQUE — A LUTA CONTINUA

Esta edição é dedicada ao
Presidente Samora Moisés Machel.

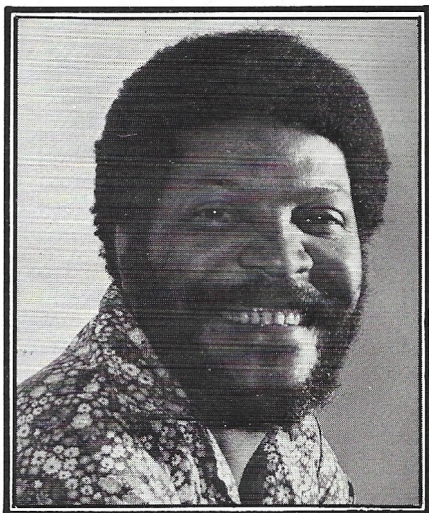
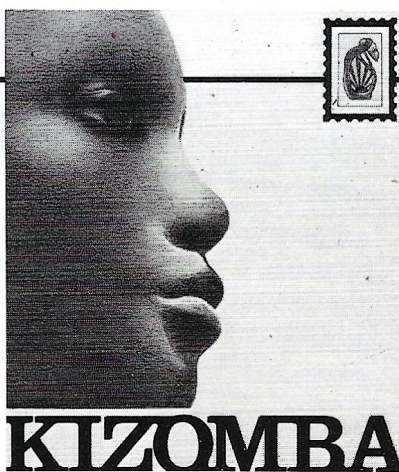
KIZOMBA



Produção Executiva:
ZM Comunicações
Artísticas Ltda

★ *Direção de Produção:*
Victor Roberto Botelho
Aldir Mattos Cardoso
Martinho Antônio

★ *Coordenação Geral:*
Martinho da Vila



Martinho da Vila

UMA LUTA, UMA VITORIA, UM SONHO.

Kizomba, festa, encontro. Palavra banto, ligação do Brasil com África pela língua comum, presente em nossa vida, em nossa cultura.

"O Pensador", pequena estatueta feita em madeira por um artista angolano, simboliza a Kizomba: encontro de homens na plena ação de pensar ou recordar, estabelecendo com o mundo material uma relação de consciência ou reflexão. "O Pensador" representa a humanidade: uma mulher, uma velha, um homem? Não importa! Representa toda a personalidade, a força e a capacidade de existir do negro.

Hoje, em 1986, buscamos reunir mais uma vez um pouco da sabedoria do **HOMEM**, expressa nos diversos aspectos de sua arte popular, que permite o incrível encontro do passado histórico do

povo negro africano com o presente palpitante e pleno de fé do homem brasileiro.

A idéia da Kizomba nasceu em África, com Martinho da Vila e seus amigos angolanos. Surgiu na forma do 1º Canto Livre de Angola, após um papo sobre a presença angolana no Brasil: na umbanda, na comida, na música, nas palavras de quimbundo soltas por aí, misturadas, fazendo parte de nosso vocabulário, de nossa vida cultural. E assim, numa noite inspirada de Luanda, nasceu o Canto Livre, idéia do primeiro contato corpo a corpo com a cultura angolana e que os brasileiros puderam vivenciar, na Sala Cecília Meireles no Rio de Janeiro, no Teatro de Cultura Artística de São Paulo, num ginásio da Bahia, e que teve seu encerramento e culminância na Quadra do Império Serrano. Deste encontro resultou um disco: O Canto Livre de Angola.

E assim, sem poder contar o entusiasmo, Martinho da Vila parte em 1984 para a 1ª Kizomba, estendendo o contato dos brasileiros com outros países africanos que também contribuíram para a nossa cultura. O Rio de Janeiro foi o local escolhido para este grande encontro de influências: no Pavilhão de São Cristóvão e na Praça da Apoteose.

Compareceram: Guiana Francesa, Nigéria, Congo, o Balé Nacional de Moçambique, o Congresso Nacional Africano — que são os militantes culturais exilados pelo mundo, e, como não poderia deixar de ser, o grupo de Angola.

Quanto aos artistas que se apresentaram nos shows, além de Martinho da Vila, tivemos todos os que sempre preservaram seus laços com África, como Elba Ramalho, Fagner, João Bosco, Paulinho da Viola, Zezé Motta, D. Ivone Lara, Moraes Moreira e outros.

Em 1985 se fez o II Canto Livre com a Delegação de Angola e com o Antonio Pompeu, no Circo Voador, que organizou a Semana Zumbi dos Palmares. Desta forma, juntando as forças, se trouxe um grupo de Congadas de Machado e Folia de Reis de Minas

Gerais, ampliando-se assim o Canto Livre que, na ocasião, possibilitou o encontro da cultura angolana com a cultura banto-brasileira.

Este ano vamos fazer a 2ª Kizomba, mais metade para o lado musical, e para o encontro de intelectuais e artistas imersos na cultura negro-brasileira.

A II Kizomba 1986 permitirá a convivência do pessoal africano com o brasileiro de 15 a 25 de novembro, exatamente dez dias. Os espetáculos serão de 19 a 23, na UERJ, usando-se a concha acústica, o teatro da Universidade e o auditório. A programação prevista conta com um grupo de Gospel americano, The Ebony Ecumenical Ensemble, o grupo Amandla do Congresso Nacional Africano, artistas exilados da África do Sul na Zâmbia, e um grupo Angolano.

A Kizomba que torna o Rio de Janeiro por dez dias na capital internacional da cultura negra, é um evento que ganha tradição na cidade, e que da comunidade negra se abre para todos os brasileiros relembrando e renovando nossas fundas relações com o universo africano.

Martinho diz que já foi além das suas forças e que este é o seu último ano de super-esforço, pois o seu ofício não é empresariar nem organizar mas sim, compor e cantar. Os objetivos já foram parcialmente alcançados, uma vez que já está provado que o evento é viável e que é importantíssimo, não só para a negritude como também para toda a sociedade brasileira, particularmente, para os jovens sempre necessitados de informações novas.

Esperamos que em 1988, ano das Comemorações dos Cem Anos da Abolição da Escravatura, o Ministro da Cultura, junto com as secretarias Estaduais e Municipais da Cultura, realize, em todo o país, um grande encontro de arte negra, sempre em novembro, pois neste mês, o dia 20 já está consensualmente escolhido como o Dia da Consciência Negra.

Axé, Zumbi dos Palmares, símbolo da Liberdade no Brasil.

Rio, Set. 86

Grupo Kizomba

Em dezembro do ano passado, militantes de vários seguimentos do Movimento Negro de São Paulo conseguiram através da Rádio Excelsior um contato direto com Jobanesburgo, África do Sul e foi ao ar, através do programa Balancê, a única entrevista feita especialmente para o Brasil pelo Rev. Desmond Tutu, Prêmio Nobel da Paz, que é a seguinte

DESMOND TUTU



"Nós achamos que ainda no Século XX estaremos livres."

ENTREVISTA A
RÁDIO EXCELSIOR

Então, fizemos um ato de protesto contra o apartheid na porta do Consulado da África do Sul, do qual participaram várias lideranças políticas, representantes da igreja, militantes negros e dirigentes sindicais.

A ZM Comunicações Artísticas encarregou-se de produzir o maior ato contra a discriminação racial realizado no Brasil e eu incumbi-me de unir as conflitantes organizações políticas e sociais de São Paulo e coordenar a manifestação em forma de um comício-show religioso. Participaram representantes de todos os partidos políticos, dirigentes da CUT, CONCLAT, todas as organizações do Movimento Negro e associações culturais. Foi tudo muito lindo e emocionante. Sem nenhum atropelo e sem necessidade de segurança a Praça da Sé ficou lotada como nos "comícios para as diretas" numa linda noite de 13 de dezembro, na "hora da Ave Maria" até quase a "hora grande" quando terminei o show de encerramento junto com o cantor Roberto Ribeiro. Elza Soares não pode cantar, passou mal tomada pela emoção. O espetáculo começou com um manifesto lido pelo camarada Chico Buarque de Holanda e seguiu delirante com Tetê Spindola, Grupo Blitz, Renato Teixeira, Jair Rodrigues, Rildo Hora, Trinca Própria, Lulu Santos, Jorge Mautner, Beth Carvalho, Dudu França, Grupo Samba Seis, Luiz Wagner e Grupo Fundo de Quintal.

O ponto culminante foi o ato ecumênico comandado pelo Padre Batista, pároco da Catedral da Sé com a participação de todas as religiões praticadas em São Paulo. Ao som de um emocionante cântico negro, formou-se uma corrente com o povo de mãos dadas e no palco em frente a Igreja, o arcebispo de São Paulo apertava as mãos de um rabino e de uma "mãe de santo" do candomblé.

Teve gente que chorou.

R.E. — Bispo Desmond Tutu, é um grande prazer conversar com o senhor no nosso programa, bem-vindo. Como está a situação na África do Sul atualmente, alguma novidade?

D.T. — Está muito depressiva e a crise é muito séria. Nós estamos em estado de emergência efetivo em quase toda a África do Sul.

As forças armadas continuam presentes em vários setores negros e existem um "complot" em operação em diversos desses lugares.

Variados líderes das comunidades negras foram banidos.

Várias das nossas crianças negras foram boicotadas nas escolas e dizem que não terão direito à escola em 1986. Dez anos

depois de Soweto 1976. Sendo assim nosso povo não pode celebrar o Natal e eles estão dizendo que nós teremos um Natal "negro", nós boicotaremos os negócios brancos e que as Forças Armadas retirem-se dos setores negros e todos que foram detidos sejam libertados e prisioneiros políticos como Nelson Mandela e outros forem igualmente libertados e aqueles que estão no exílio sejam chamados para voltarem para casa, só assim poderemos participar de negociação com o Governo.

R.E. — Bispo Tutu, Dom Luciano Mendes de Almeida é o Secretário Geral do Conselho Nacional dos Bispos Brasileiros e ele tem uma pergunta para o senhor.



O Bispo Tutu vive integrado num estado de emergência efetivo em toda Africa do Sul.

D.L. — Bispo Tutu, como nós no Brasil podemos mostrar nossa simpatia de uma maneira efetiva para com as vítimas do "apartheid" na Africa do Sul?

D.T. — Muito obrigado, Monsenhor, por suas palavras gentis. Nós apreciamos qualquer tipo de ajuda. Uma das primeiras coisas a fazer, naturalmente, é pedir a vocês que continuem a rezar por todos nós na Africa do Sul, pretos e brancos, essa é uma maneira de mudar os corações e fazermos um novo futuro, uma nova Africa do Sul, aonde pretos e brancos possam viver amigavelmente juntos. Isso é a coisa mais importante. Em segundo lugar, é usar todo o seu poder para advertir as comunidades internacionais para que criem ações efetivas, politicamente, diplomaticamente, mas principalmente economicamente, para que as pressões sobre o Governo sul-africano o forcem a sentar a mesa com líderes representantes de vários setores da nossa comunidade para desmantelar o "apartheid" e para negociar uma nova constituição para o nosso belo, porém doente país, e depois também fazerem demonstrações de apoio tanto na Embaixada sul-africana quanto nos consulados, para mostrar ao governo sul-africano que o mundo está preocupado e não apenas países comunistas, mas também países onde a democracia está estabelecida, estão preocupados com o que está acontecendo nessa terra. E seria muito bem-vindo, se vocês pudessem mandar donativos para a conferência dos Bispos Católicos, para ajudar as vítimas do "apartheid", as famílias dos prisioneiros políticos e para as crianças que estão esperando para ir para a escola e universidades.

H.C. — Bispo Tutu, em quanto tempo o senhor acha que as vítimas do "apartheid" estarão livres na Africa do Sul?

D.T. — Se a comunidade mundial agir efetivamente, se em primeira estância a administração de Reagan aplicar contra as políticas sul africanas o mesmo que aplicaram na Nicarágua, o "apartheid" acabará amanhã, porém, estamos num mundo real, nós achamos que ainda no século XX estaremos livres.

A.D. — Bispo Tutu meu nome é Alberto Dines, sou um jornalista aqui de São Paulo, gostaria de fazer ao senhor a seguinte pergunta Existe alguma organização branca na Africa do Sul, política ou não, empenhada em ajudar o fim da discriminação racial e igualar os direitos com a maioria negra? Em outras palavras, existe alguma chance de uma aliança entre negros discriminados e brancos liberais? Nesse caso, o que pode ser feito para transformar um conflito racial numa guerra política?

D.T. — Existem organizações como os que os americanos chamam de coligação das nuvens — "a non racial grouping" e existe chamada "Progressive Federal Party P.F.P. o qual está trabalhando para o desmantelamento do "apartheid" mas os poderes das pessoas brancas nesse país ainda não estão muito claros tanto que nós gostaríamos de ver o poder político mudado, sendo assim, o problema é que até que o governo resolva comeder os seus poderes e usá-los apenas para os interesses do país, vai demorar, e isso implicaria na destruição do apartheid. Temos um problema.

H.B. — O senhor é cristão. As pessoas brancas na Africa do Sul são cristãos também. Como eles aceitam a discriminação racial? O que a Bíblia diz sobre a discriminação?

D.T. — Claro, não é surpresa nenhuma, muitos deles são pessoas comuns e vários deles são amigáveis. Você sabe muito bem que haviam vários cristãos na Alemanha que estavam lendo a Bíblia, mas não eram capazes de eliminar seis milhões de leis, então nós sabemos muito bem o que as pessoas podem fazer com pessoas as quais lêem a Bíblia e são cristãos, portanto, não é um fenômeno peculiar. Muitos deles tem achado suporte na Bíblia para a discriminação racial e opressão. Ainda estamos longe de achar justificativas, mas você está certo em fazer esta pergunta, porque os jovens negros, a maioria deles dizem que somos oprimidos não por pagãos, mas pelos mesmos cristãos que lêem a mesma Bíblia e clamam pelo amor do mesmo Deus, e no entanto nos tratam como se fôssemos menos humanos, nós éramos menos do que aquelas criaturas na imagem de Deus, mas isso porque nós acreditamos na Bíblia e acreditamos que aquele Deus é o Deus da liberdade e da salvação. Nós sabemos que seremos livres, porque Deus está do nosso lado, não porque nós somos bons, mas porque ele é o único Deus e nós dizemos ao opressor: "Se Deus é conosco, quem será contra nós".

C. — Bispo Tutu, nós gostaríamos de agradecer muito ao senhor por sua entrevista e gostaríamos de pedir que enviásse-nos uma mensagem de Natal para nós, para o mundo e para todos que estão juntos com o senhor na sua batalha contra o racismo e uma mensagem de paz e prosperidade.

D.T. — A paz nós sabemos que pode chegar somente quando a justiça e a fraternidade se faz uma só no mundo. Nós sabemos que Deus é um Deus como Emmanuel. Deus está conosco. Ele é um Deus que nasceu não num palácio de reis, mas num estábulo. Ele é um Deus não só dos grandes mundos.

Ele é um Deus que traz boas novas, não só para as pessoas importantes, mas também aos anônimos sem importância. Deus se dirige especialmente aos pobres, aos famintos, aos oprimidos, aos sem poder e aos marginalizados. Ele diz: Eu sou um Deus que se preocupa especialmente com você e quero tratá-lo sempre como um filho, que se identifica comigo e ponto final, esse é o fim de todos os outros problemas, tudo ficará bem.

DESMOND TUTU

**"We Think That
by The
Century We
Will be free."**

R.E. Bishop Desmond Tutu, it is a great pleasure to talk to you in our program. Welcome. How is the situation in South Africa right now and news?

D.T. It is very depressing and the crisis is a very serious crisis at the present time. We have the state of emergency still operating in most of South Africa.

The Army is still present in many of the black townships and there is a curfew operating in most of these places. The leaders of the black communities many of them have even banned candle light processions which usually happen at Christmas time. Many of our black children have boycotted school and are saying that they will not go to school in 1986, because it is ten years after SOUWETO 1976. And so our people say they cannot celebrate Christmas when they will boycott white businesses and not buy from them until the state of emergency is lifted and the Army is withdrawn from the black townships and all who have been detained are released and the political prisoners, such as Nelson Mandela and others, are released and those in exile are allowed to come home so that can participate in negotiations with the Government.

R.E. Bishop Tutu, Dom Luciano Mendes de Almeida is the General Secretary of the National Council of Brazilian Bishops and he has a question for you.

D.L. Bishop Tutu, How we here in Brazil could show our sympathy and in an effective way to the Apartheid victims in South Africa?

D.T. Thank you very much, monsenhor, for your kind expressions. We appreciate that very deeply. One of the first things, of course, is that we ask for you to continue to pray for all of us in South Africa, black and white that there will be a change of heart so that we can move into a new future, a new South Africa, where black and white will be able to live amicably together. That is much the most important thing. Second, is to do all in your power to strengthen international community so that it will take effective action, political, diplomatic, but above all economic to bring pressure on the African Government to move it to the negotiating table with the

representative leaders of all sections of our community for the dismantling of apartheid and for negotiating a new constitution for this beautiful but sad country. And then there are actions such as demonstrations at the South African Embassy and Consulate to show the

South African Government that the world does care and not just communist countries but countries which are democratic are concerned about what is happening in this land. And fourthly, if you are able to do so, to send funds for instance to the Catholic Bishops' Conference for the support of victims of apartheid, the families of political prisoners and detainees, for children who may be wanting to go to school and to universities, to pay for the cost of political trials.

H.C. Bishop Desmond Tutu, in how many times (in how long) do you think South Africa can be free from the apartheid victims?

D.T. If the world community act effectively, if, for instance, the Reagan administration were to apply to South Africa the policies it is applying today to Nicaragua, then we would have apartheid ending tomorrow. But, because this is a real world, we think that by the century we will be free.

A.D. Bishop D.T. my name is Alberto Dines, I am a journalist here in São Paulo. May I ask you the following question: Is there any white section organization or political party in South Africa implying to ease the racial discrimination and give equal rights to the black majority? In another words, is there any chance of an alliance between discriminated blacks and white liberals? In that case what can be done to avoid a racial conflict transforming it in a political crash?

D.T. There are organizations such as the which is what the Americans call a rainbow coalition — a non racial grouping and there is a party called the Progressive Federal Party P.F.P. which are all working for a dismantling of apartheid but the powers of white people in this country are still not yet clear that they would like to see political power sharing and so we have a problem until the governing party is moved to realize that the long term interest of this country will be served best in political power sharing and in the destruction of apartheid we are in trouble.

H.B. You are a Christian, South Africa white people are christian too. How can they accept racial discrimination? What does the Bible say about discriminations?

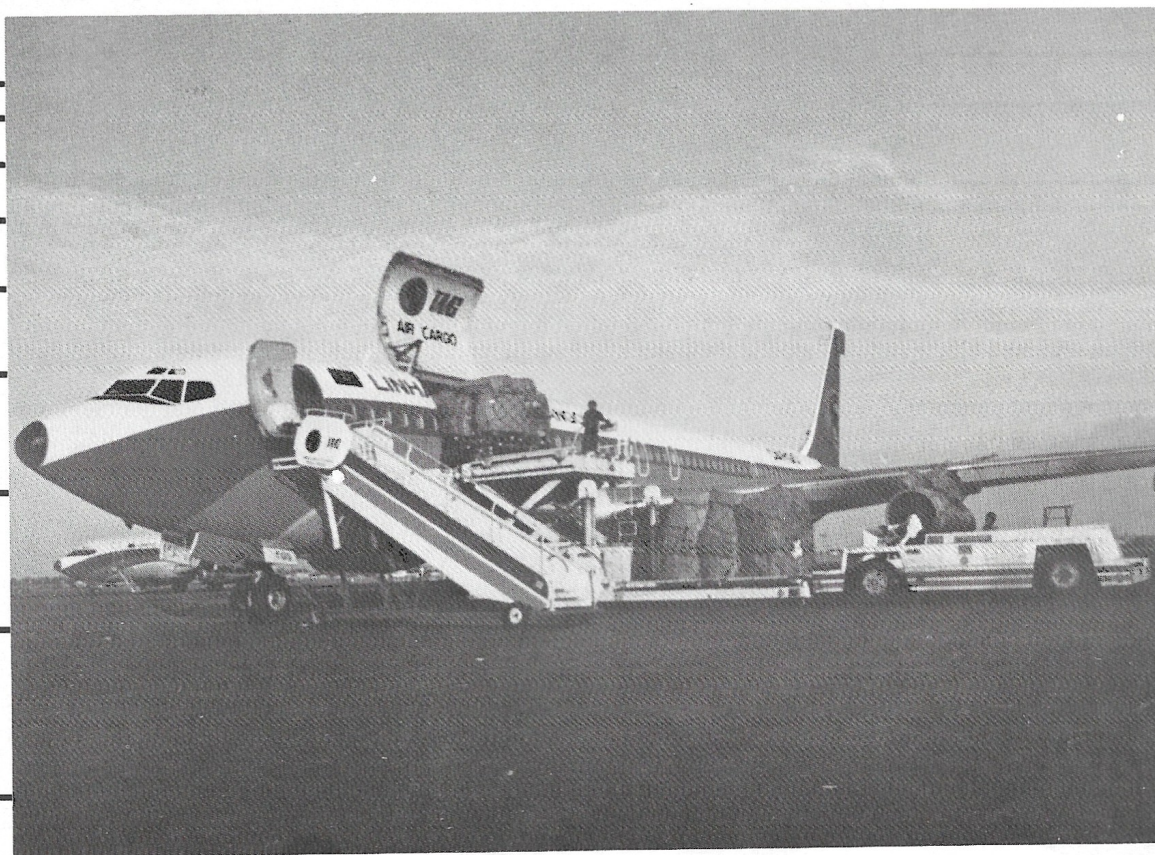
D.T. Of course we should not be surprised. They are not demons they are ordinary people, who are many of them very frightened because they are outnumbered five to one. You know very well that there were very many Christians in Germany and that they were reading the Bible, but they were able to eliminate six million Jews, so we know very well what people can do with people who used to read the Bible and they were Christians and they were slave owners, so it is not a peculiar phenomenon.

Many of them have thought there was Biblical support for the policy of racial discrimination and oppression, but now there are many others of them wanting that it is no longer possible to do to find a justification there but you are quite right to ask this question, because that's upset black young people, most of all they say we are oppressed not by pagans but we are oppressed by fellow Christians who read the same Bible and claim to worship the same God and yet they treat us as if we were less than human, we were less than those created in the image of God. But it is because we believe in the Bible and we believe that God is the God of freedom and liberation, the God of the exodites, the God who raised Jesus from the cave and overcame evil and darkness and death and triumphed in the resurrection, that we know we will be free because God is on our side not because we are good but because he is that kind of God and we say to the oppressor if God is before us, who can be against us?

C. Bishop Tutu, we would like to thank you very very much for your interview and we would like to ask you to give us a message, a Christmas message, for us, for the world and for everybody who is in the struggle to support you in your battle against racism, and a message of peace and understanding.

D.T. We want to wish everybody the blessings of the spirit of peace, a peace that we know can come only when there is justice and freedom for every one in the world. We wish them the joy of knowing that God is a God who is Emmanuel — Good with us. He is a God who is born not in the palace of kings, but is born in a stable. He is a God whose parents are not the high and the mighty ones, but a and her. He is a God who tell the good news not to the important people of the world, but to ordinary so-called unimportant shepherds. So that He is saying especially to the poor, the hungry, the hopeless, the powerless, the marginalized: I am a God who cares especially for you and I want to assure you that the coming of my son is the you know I identify with you and that in the end all matter of things shall be well, in because all matter of things shall be well.





LINHAS AEREAS DE ANGOLA

EVOLUÇÃO HISTÓRICA

As origens dos transportes aéreos em Angola remontam ao ano de 1938 quando o então Ministro das Colónias, Dr. Vieira Machado, por Portaria Ministerial n. 11, de 08 de Setembro, criou a Direcção dos Transportes Aéreos (D.T.A.), integrada na Direcção dos Serviços de Portos, Caminhos de Ferro e Transportes.

Em 1 de Julho de 1940 a D.T.A. inicia as primeiras carreiras regulares.

Em 1 de Outubro de 1973 transforma-se de Empresa Estatal em Empresa Mista e passa a designar-se TAAG — Transportes Aéreos de Angola, SARL.

A TAAG só explorava as rotas dentro de Angola e regionais para S. Tomé e Windoeck (NAMÍBIA). Todas as restantes linhas eram exploradas pela TAP que detinha exclusivo monopólio.

Os acontecimentos políticos ocorridos entre 25 de Abril de 1974 (Revolução em Portugal que derrubou o fascismo) e 11 de Novembro de 1975 (proclamação da Independência de Angola) são

marcantes para a explosão verificada no seu desenvolvimento.

Em 03 de Março de 1976 com a aquisição de 2 B 3, inicia-se a era jacto em Angola.

Em 4 de Novembro de 1977 com a aquisição dos dois primeiros B. 0, a TAAG projetava-se internacionalmente.

Entretanto em 8 de Julho de 1977 por Decreto n. 47/77, a TAAG foi nacionalizada e por Decreto n. 15/80, de 13 de Fevereiro de 1980 foi criada a Empresa TAAG — LINHAS AEREAS DE ANGOLA.





TAAG



DESENVOLVIMENTO E EXPANSÃO

Aumentando rapidamente a sua frota com a aquisição de novos aviões nomeadamente B.707, B.737, Hércules C.130, F.27 e YAK40 preparou-se para conquistar o mundo.

Voando para três Continentes (África, Europa e América) com representações em Portugal (Lisboa e Porto), URSS (Moscou), Itália (Roma), França (Paris), Bélgica (Ostend), RDA (Berlim), Brasil (Rio de Janeiro), Cuba (Havana), Congo (Brazzaville), Zaire (Kinshasa), Moçambique (Maputo), Zâmbia (Lusaka), Cabo-Verde (Sal), S. Tomé e Príncipe (S. Tomé) e Guiné-Bissau (Bissau), a TAAG, voando com o seu equipamento, mantém carreiras regulares com todos estes Países.

A nível interno opera para 19 cidades, onde possui Escalas a partir de Luanda.

Possui ainda uma pequena frota de aviões ligeiros (3º Escalão) para ligar centros regionais de grande importância política e económica.

Embora os seus aviões cargueiros se desloquem a qualquer aeroporto a TAAG constituiu duas bases

operacionais importantes para vãos de carga: Lisboa e Ostend.

ESTRUTURA ADMINISTRATIVA

A TAAG como Unidade Económica Estatal, tem Estatuto próprio e é dirigida por um Diretor Geral, assessorado por dois Diretores Gerais Adjuntos (Técnico e Comercial).

A gestão da Empresa é assegurada por Diretores de Serviços e de Gabinetes para as seguintes áreas:

- Direcção de Planificação e Finanças
- Direcção de Recursos Humanos
- Direcção de Exploração Comercial
- Direcção de Informática e Comunicações
- Direcção de Manutenção e Engenharia
- Direcção de Armazéns e Abastecimento
- Direcção de Operações de Voo
- Direcção de Serviços Complementares
- Gabinete Administrativo
- Gabinete Jurídico
- Gabinete de Inspeção
- Gabinete Técnico

FROTA EXISTENTE

Para satisfação das suas necessidades



LINHAS A



domésticas internacionais (carga e passageiros) a TAAG possui a seguinte frota:

BOEING 707	6
BOEING 737	5
FOKKER F27	5
LOCKHEED L-100	1
YAK 40	3
Total	20

Na aviação ligeira (3º Escalão) possui 9 unidades a saber:

PIPER	6
ISLANDER	1
CESSNA	2
Total	9

CARGA E PASSAGEIROS TRANSPORTADOS

A Empresa transportou em 1985 as seguintes quantidades de carga e correio:

Domésticos	28.834 ton.
Internacionais	10.530 ton.
Total	39.364 ton.

PASSAGEIROS

Para 1986 a Empresa estima transportar no total 55.000 Toneladas de carga e mais de 1.000.000 de passageiros.

ASPECTOS DE ORDEM GERAL

A TAAG possui cerca de 4.500 trabalhadores ao seu serviço.

A sua formação é feita no seu centro de Formação Profissional, com exceção de algumas especialidades cujo adestramento é feito no Brasil, Portugal, Iugoslávia, Etiópia, etc.

Com vista a competir comercialmente com as suas congêneres que utilizam "WIDE — BODIES" modernos e mais confortáveis a Empresa apresentou já superiormente um plano de renovação da sua frota.

A TAAG — Linhas Aéreas de Angola é dirigida superiormente pelo seu Diretor Geral, Senhor José António Fernandes, coadjuvado pelo Director Geral Adjunto Comercial, Senhor Jorge Manuel de Barros Rodrigues e pelo Director Geral Adjunto Técnico, Senhor Engenheiro Euclides da Conceição Pereira Batalha.

A TAAG — Linhas Aéreas de Angola perfaz no dia 8 de Setembro de 1988, 50 anos de existência.

LOCAL: UERJ
MARACANÃ — RIO

KTV



Grupo Fundo de Quintal



Leci Brandão



Almir Guineto

QUARTA-FEIRA — DIA 19

18hs - Ato de abertura no teatro, com o IMPÉRIO DO FUTURO.

19hs - Show com o grupo AMANDLA REPRESENTATION ANC (Música Popular da África do Sul).

21:30 hs - Show de lançamento do LP BATUQUEIRO com MARTINHO DA VILA na concha acústica.

Direção: Lícia Maria e Tereza Aragão

Apresentação: Jacyrá Silva e Dulce Alves.

Espectáculo Pirotécnico (Tião Maia - Jorge do Cachambi).

QUINTA-FEIRA — DIA 20

15hs - Show de inauguração do MONUMENTO A ZUMBI DOS PALMARES. —

MARTINHO DA VILA apresenta NIGÉRIA SOUND — AMANDLA

REPRESENTATION ANC — CANTO LIVRE DE ANGOLA.

20hs - Show com GERALDO AZEVEDO no teatro.

21hs — Apresentação do grupo VISSUNGO no teatro.

21:30hs - Show com o grupo THE EBONY ECUMENICAL ENSEMBLE (Gospel EEUU) no teatro.

Direção: Haroldo Costa e Helena Theodoro.

Apresentação: Zeno Bandeira e Johnneta B. Cole.

SEXTA-FEIRA — DIA 21

18hs - Show com o grupo de dança FEITIÇO E MAGIA e ILE AIYÊ BAHIA na concha acústica.

19hs - CANTO LIVRE DE ANGOLA na concha acústica.

Direção: Jorge Coutinho e Milton Gonçalves.

Apresentação: à critério da direção.

21hs - Show com ELZA SOARES e o grupo

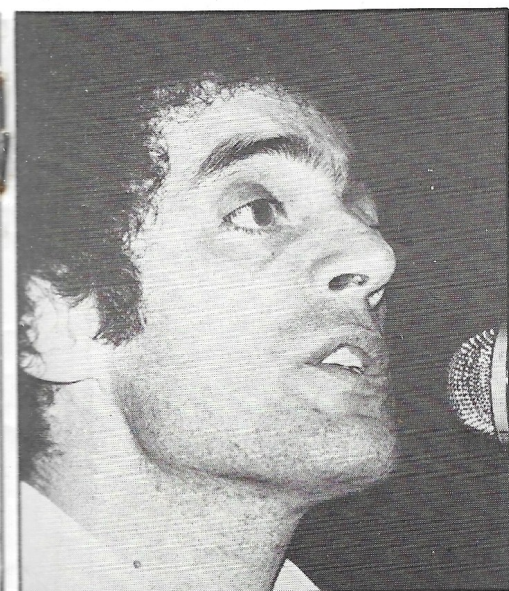
AMANDLA REPRESENTATION ANC (Música Popular da África do Sul) no teatro.

Direção: Lícia Maria e Tereza Aragão.

Apresentação: Luiz Carlos de Assis e Carlos Moutinho.

OMBA

PROGRAMAÇÃO ARTÍSTICA



Rildo Hora



Mussum



Elza Soares



Geraldinho Azevedo

SÁBADO — DIA 22

18hs - BALÉ PRIMITIVO DE PERNAMBUCO na concha acústica.

19hs - Apresentação do grupo THE EBONY ECUMENICAL ENSEMBLE. (Gospel dos EEUU) na concha acústica.

Direção: Haroldo Costa e Helena Theodoro.

Apresentação: Nei Lopes e Johnneta B. Cole.

21hs - Show com RILDO HORA e LECI BRANDÃO no teatro.

21:30hs - CANTO LIVRE DE ANGOLA no teatro.

Direção: Jorge Coutinho e Milton Gonçalves.

Apresentação: a critério da direção.

SHOW DE ENCERRAMENTO

DOMINGO — DIA 23

15hs - MUSSUM e NIGÉRIA SOUND no teatro.

16hs - Apresentação do grupo THE EBONY ECUMENICAL ENSEMBLE (Gospel dos EEUU) no teatro.

16:30hs - Apresentação do grupo AFRO DANÇ'ARTE — Direção e Coreografia de Gilberto de Assis.

17hs - Pagode da Juventude com:

— FUNDO DE QUINTAL
— SAMBA SOM SETE
— ALMIR GUINETOZ
— CAXAMBU DO SALGUEIRO

Direção (1ª parte): Haroldo Costa e Helena Theodoro
Apresentação (1ª parte): Jacyra Silva e Johnneta B. Cole

Direção (2ª parte): Milton Gonçalves e Jorge Coutinho.
Apresentação (2ª parte): Luiz Carlos de Assis e Zeno Bandeira.

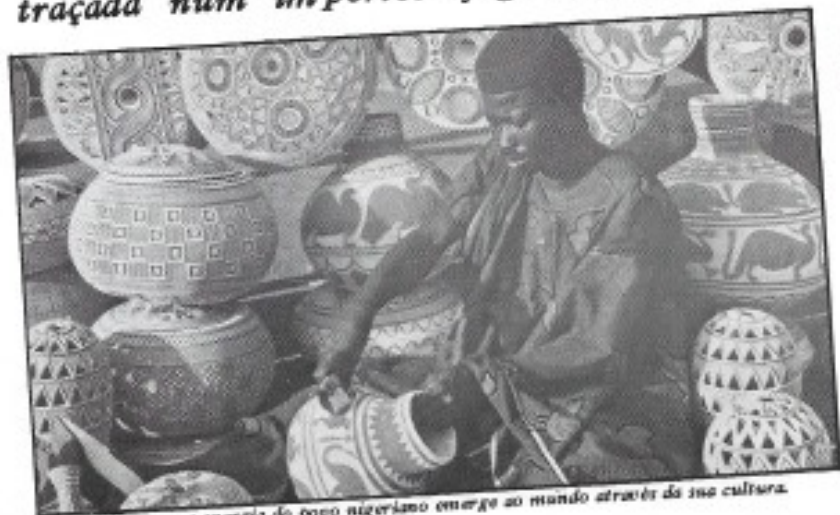
Produção Executiva
ZM COMUNICAÇÕES
ARTÍSTICAS

Direção de Produção
VITOR ROBERTO BOTELHO
Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1986.

MARTINHO DA VILA
Coordenador Geral

NIGÉRIA, ANGOLA, EUA e ÁFRICA DO SUL

A evidência do negro através das suas conquistas é um fato incontestável no mundo. O avanço é de acordo com o progresso. E a sua grande arma é o canto e a dança, com sangue ou não: para lutar. Para Kizomba, o encontro da raça traduz toda essa força traçada num imperioso fogo da libertação.



A riqueza e a energia do povo nigeriano emerge ao mundo através da sua cultura.

A Cultura é a maior manifestação da Nigéria no Mundo



O consagração de Wole Soyinka como Prêmio Nobel de Literatura é a ratificação da importância da cultura nigeriana.

A riqueza cultural da Nigéria é expoente de ascensão de sua complexidade étnica. Os cerimoniais dos iorubás e as Xilogravuras — por exemplo — são as formas de artes mais caracterizantes da energia do seu povo, que priva de outros sentimentos como a dramatização que apresentam em ocasiões religiosas e festivas. E é de lá, o centro cultural Yoruba, que o mundo atualmente se curva à literatura nigeriana de Wole Soyinka que apesar de tantas vezes discriminados (no Brasil, por exemplo, um vespertino carioca — "Se este ano o Prêmio tinha que ir para a África, continente jamais contemplado, que fazer?"), até após a conquista do Prêmio Nobel de Literatura.

Dizem que os nigerianos são Kizombeiros secular. E a arte sempre foi a sua maior manifestação, tanto que é universalmente famosa pela sua autenticidade e simplicidade de formas. Talvez seja esta a razão pela qual há uma identificação da nossa raça, buscando a liberdade através da arte e da luta.

Os camaradas angolanos

Em meio aos sóis de verão, duas coisas fantásticas me aconteceram: a primeira, tão comum no geral quanto extraordinária no particular — a chegada de um neto; e a outra, realmente o inesperado: descobrir inúmeros parentes que eu não conhecia, amigos de infância que via pela primeira vez e o peso da sensação mágica de "retornar" à minha terra, terra dos pais dos meus pais, dos seus pais... ANGOLA.

Confesso emocionada que a descida em Luanda me causou a sensação de na verdade nunca de lá ter saído. Já na Comitiva, tão afável ao nos receber, era fácil identificar faces conhecidas, traços familiares — Jamelões, Martinhos, Babais, papai e tantos outros.

E o que deveria significar um ódio atávico ao povo que nos arrancou contra a vontade, nos levou pro além-mar para construirmos o Brasil, não era mais ódio, até porque os povos intrinsecamente bons, como os negros, não conseguem cultivar tais sentimentos. Ao contrário, aproveitamos deste vínculo lusitano o legado do uso da língua comum, para nos comunicarmos de forma evidente.

Não se trata de conceder um perdão histórico aos selvagens, que nos arrancaram do nosso lar e nos puseram a trabalhar numa atividade que eles não tinham disposição nem força de executar; não se trata de conciliar com o agressor, mas de retirar da experiência, agora inapagável, o que de bom dela se possa extrair, como por exemplo o uso de um idioma que nos permite dizer aos que nos visitam:

— "Boas-vindas!" "Que prazer reencontrar a DELEGAÇÃO



O sabor africano do Gospel song, a resistência do negro americano, a tradição de uma religião.

S O sabor Africano do Gospel song

São várias as diferenças culturais entre os negros norte-americanos e os brasileiros, não obstante os muitos pontos em comum que possuímos. No tocante à religião é que a diferença mais se acentua, porque diferentes formas foram adotadas nos Estados Unidos, no Caribe e no Brasil. Na linha de evolução da música norte-americana podem ser destacados, com etapas definitivas e reveladoras as canções de trabalhos (work songs), os negro spirituals, as gospel songs e daí em diante o jazz com suas diversas linhas. Mas é o sobre o gospel que vamos nos deter. No Brasil, assim como nas Antilhas, as religiões que os escravos trouxeram da África, subsistiram apesar dos esforços da catequese e da pressão dos dominadores. Nos Estados Unidos o protestantismo foi muito mais intolerante do que o catolicismo aqui pelos nossos lados. A única via que os negros encontraram para colocar alguma coisa de seu na religião que lhe impingiam foi — como aconteceu em dezenas de outros casos — através do canto e da dança. O gospel song é o evangelho musicado com sabor africano, uma mudança sonora nos tradicionais hinos protestantes. A obsessão do ritmo e da melodia atua nos fiéis tal como os pontos de umbanda ou candomblé que conhecemos tão bem. Lá como aqui, o transe acontece no bater das palmas e no agudo das vozes.

A liberdade do cantor de gospel é bem maior que a do cantor de jazz, não apenas na mecânica de variações de

melodia e ritmo mas, especialmente, pela emoção que se desencadeia de maneira incontornável. Capítulo importantíssimo na história musical norte-americana e na formação cultural daquele povo o gospel vem alimentando a tempos diversas correntes. Em 1871, pouco depois do fim da Guerra Civil, os estudantes de uma das mais antigas instituições educacionais de negros nos Estados Unidos, a Universidade de Fisk, formaram um coro com o nome de Fisk Jubilee Singers para cantar gospels e spirituals. Com o objetivo de levantar a soma de vinte mil dólares para construir um anexo à Universidade, que ficava na cidade de Nashville, Tennessee, afim de abrigar negros recém-libertos que queriam estudar, os Fisk Jubilee Singers viajaram por quase todos os Estados Unidos e chegaram até à Inglaterra onde foram aplaudidos pela Rainha Vitória, no Palácio de Buckingham.

Vários intérpretes de gospel songs têm adquirido fama e notoriedade pelo mundo afora, Mahalia Jackson é o exemplo mais notável. Entre os cantores, de ontem e de hoje, que tiveram uma forte influência do gospel, podem ser citados Johnnie Ray, Ray Charles e os Blue Brothers. Muitos são os grupos universitários ou religiosos que hoje em dia se dedicam à divulgação das canções gospels que, na verdade, são menos comercializadas em discos do que os negro spirituals. O The Ebony Ecomenical Ensemble é um dos exemplos vivos desta tradição que começou com os Fisk Jubilee Singers.

Haroldo Costa

ANGOLANAS" "Sentam-se em casa!", e outras expressões de carinho.

Os nossos queridos visitantes sabem exatamente o que estamos sentindo, embora no princípio dos tempos nossos ancestrais não pudessem assim se entender.

Em contrapartida, o que esperamos deles? Que sejam tomados como modelo, principalmente por aqueles que

confundem no Brasil um profundo sentimento de orgulho de ser negro, com alguns sinais superficiais e exteriores desta ou daquela região do continente africano. Não foi cultivando trancinhas e berloques que Agostinho Neto e os seus mudaram os destinos de Angola.

Lygia Santos

A luta contra a opressão racial

Não tanto pela cor do seu povo mas pelos traços mais salientes de sua cultura, o Brasil é um país Negro. Negro e Banto. Isto porque, desde o primeiro desembarque de escravos em terra brasileira até nossos dias, o Negro inscreveu seu modo de ser, agir e pensar em todos os espaços da sociedade brasileira, deixando marcas profundas na alma deste País.

E no enorme painel que constitui a cultura afro-brasileira, a presença dos Bantos avulta grandiloquente, do gesto e do pensamento até a fala, incrivelmente permeada de termos quimbundos, umbundos, quicongos etc., da tanga ao carimbo, do cachimbo à mochila, do dengo ao cafuné. Porque, de toda a mão-de-obra escrava que o Brasil conheceu, os negros do vasto grupo lingüístico Banto, embarcados tanto nos portos do Índico como na costa atlântica da África Austral, constituíram a esmagadora maioria.

Assim, hoje, quando os Bantos africanos levam a cabo sua luta contra o apartheid e todas as outras formas de opressão racial, a grossa e impenetrável venda colocada nos olhos da massa afro-brasileira precisa ser removida. Para que o Negro brasileiro se engaje também nessa luta. E não por uma questão de solidariedade pura e simples mas sim por uma razão de pele, de parentesco, de consanguinidade, e de reconhecimento.

Então, no momento em que recebemos a honrosa visita dos artistas da AMANDLA, nada mais oportuno que aproveitar a ocasião para abraçando-os como irmãos, abraçar todos os africanos vítimas da irracionalidade da discriminação e da opressão colonial.

Bem-vindos irmãos da AMANDLA!

O Brasil Negro e Banto os saúda!

Ney Lopes

O Grupo AMANDLA é formado por militantes culturais do ANC (Congresso Nacional Africano), artistas exilados em África. A maioria vem diretamente de Zâmbia.

LOCAL: UERJ
MARACANÃ-RIO

KIZOMBA

PROGRAMAÇÃO PALESTRAS E DEBATES

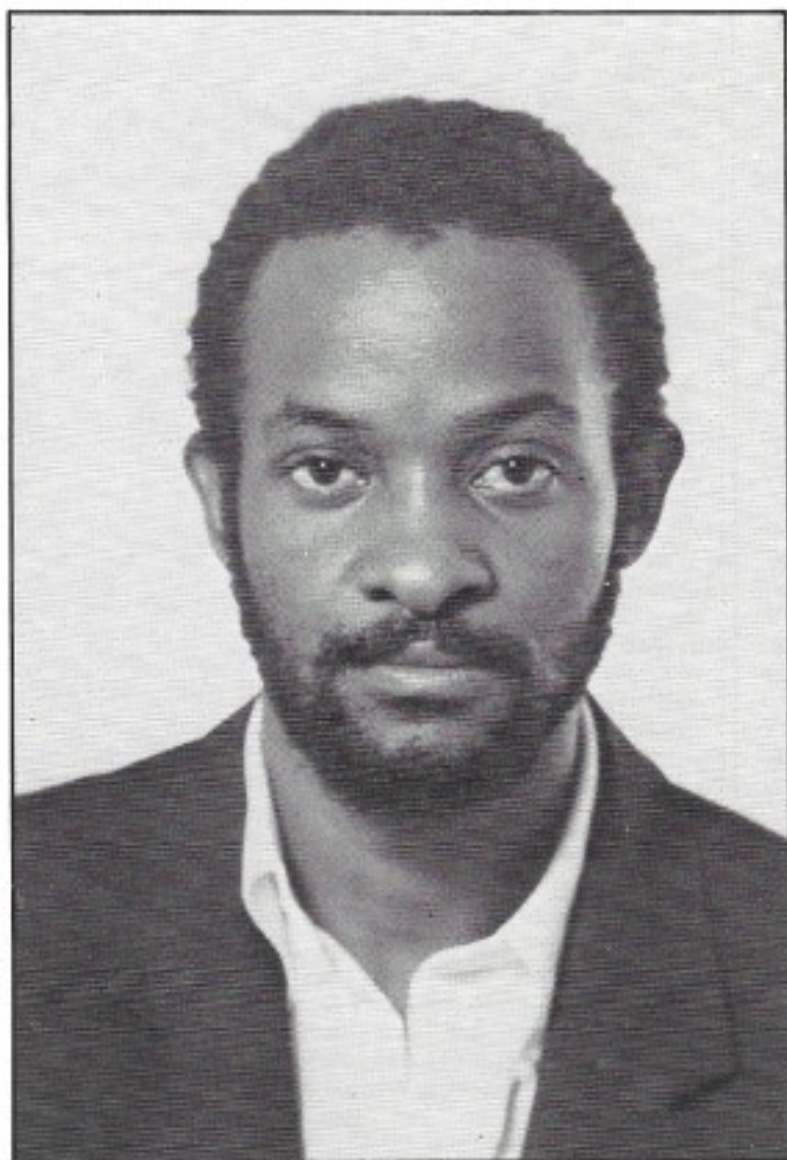
LOCAL: AUDITÓRIO 91 e 111

HORÁRIO

19/11 - Processo civilizatório
e sua adaptação à cultura
brasileira.

- Maria Beatriz Nascimento
- Jacques D'Adesky

- Joel Rufino dos Santos
- Manuel Faustino
- Robert Hassele
- Ben Ratle do Congresso
Nacional Africano.



Ben Ratle do Congresso

- 20/11 - Política cultural
brasileira e cultura negra
- Antônio Pedro Borges de Oliveira
 - Roberto Moura
 - Gerardo de Melo Mourão
 - Carlos Hasenbalg
 - Januário Garcia
 - Abdias do Nascimento

20/11 - Mesmo horário
Encontro fechado de altos
dignatários dos cultos afro
(brasileiros e africanos).

- 21/11 - Religião, resistência
cultural e identidade
- Monique Augras
 - Ivone Maggie
 - José Benistes
 - Helena Theodoro
 - Ari Araújo
 - Muniz Sodré

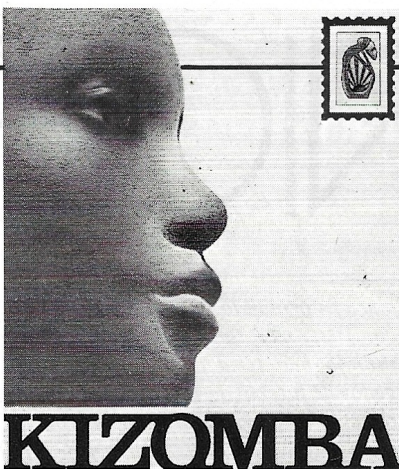
- 22/11 - Samba e identidade
- Paulinho da Viola
 - Rubem Confete
 - José Carlos Rego
 - Nei Lopes
 - Adelson Alves

- 23/11 - Cultura Negra e
Literatura
- Domício Proença Filho
 - Rogério Andrade Barbosa
 - João Batista Vargens
 - Eustáquio José Rodrigues
 - Ele Semog

Os Presidentes das Mesas
serão indicados pela reitoria
da Universidade.

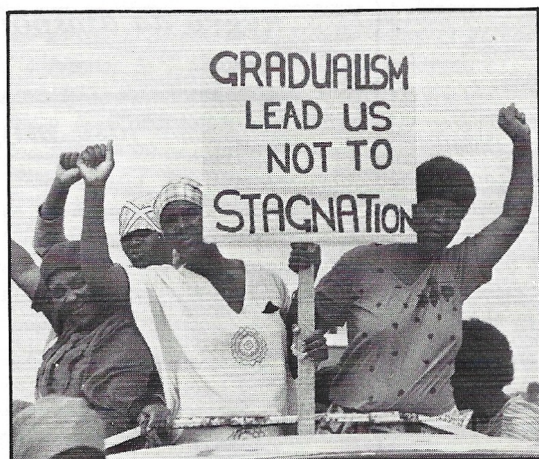
COORDENAÇÃO

- Helena Theodoro Lopes
- Judith Rosário
- Maria José
- Celso



KIZOMBA

A NOSSA ARTE É CONTRA A DISCRIMINAÇÃO



Luta-se de várias maneiras por um mesmo ideal. Alguns empunham metralhadoras e granadas, outros, cinzeiros ou pincéis. Palavras que, unidas, transformam-se em poesias ou prosa, notas musicais, moviolas, canto e dança, o teatro e a sabedoria popular transformam-se em instrumentos pacíficos na luta e a sabedoria popular transformam-se em instrumentos pacíficos na luta árdua por um ideal. Kizomba é

isto: a arma cultural que empunhamos na luta contra a discriminação racial e a separação entre os povos. É a afirmação da cultura negra como elemento primordial da cultura brasileira. Kizomba é integração, é a busca da identidade cultural que será a ponte de união entre brancos e negros, no combate às injustiças sociais que afligem nosso povo. Kizomba é o reencontro com saudades ancestrais guardadas nos recônditos de nossas almas. Saudades do avô, do tio, do pai e da mãe, do irmão que ficou em África ou foi espalhado pelo continente americano. E a grande festa, o grande (re) Encontro, será em 1988, ano do Centenário da Abolição da Escravatura no Brasil, que esperamos seja o ano da Redenção e do total reconhecimento a Zumbi dos Palmares, mártir da Liberdade, guerreiro maior, contra as injustiças raciais e sociais, da História do povo brasileiro, líder incontestável que abrigou, no seio do seu Palmares, não só negros fugidos dos horrores das senzalas, mas também índios e brancos oprimidos pelo poder constituido.

LÚCIA MARIA MACIEL
CANINÉ
(RUÇA)

A QUINZENA DE FEIRA DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA, tem se constituído em acontecimento de valor inestimável para o resgate dos valores de nossa cultura em suas matrizes negras; para o reconhecimento e a conscientização do papel do cidadão negro em nossa formação social; para o estreitamento dos laços que nos unem a nossos irmãos africanos; para o fortalecimento dos intercâmbios internos e externos necessários à consolidação dos liames que compõem a trama de nosso tecido social, em função de seu desenho pluricultural.

Dada por força da Lei de nº 692, de 05 de dezembro de 1983, de iniciativa do Deputado José Miguel, o único negro a integrar a Bancada Estadual, neste ano de 1986, em função das eleições com vistas à formação de uma Assembleia Nacional Constituinte, e há apenas dois anos do centenário da Lei que, mesmo decretando abolida a escravidão em nosso território, não foi capaz de libertar o negro brasileiro dos grilhões da fome, do subemprego, do desmerecimento de seus valores ancestrais, da prisão arbitrária, da prostituição e demais mazelas sociais que, com vigor acentuado, sobre ele se abatem, num verdadeiro processo de genocídio, enfim, pela consciência do papel de divisor de águas a ser representado pelos acontecimentos previstos para o calendário eleitoral deste ano, a III QUINZENA DE FEIRA DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA; evento do mais alto significado para o despertar do cidadão negro para a importância dos valores de sua cultura e de sua representação efetiva nas esferas dos poderes decisórios, decidiu concentrar todos os recursos e esforços possíveis, numa programação extremamente diversificada, para que, em novembro, sejamos capazes de chamar a atenção da cidade, do Estado, de toda a Nação, para nossos objetivos, numa verdadeira maratona cultural capaz de alterar o perfil discriminatório da situação social, econômica e cultural imposta aos descendentes dos africanos neste País, na perseguição de nossos ideais de uma sociedade justa e democrática, e de um socialismo que leve em conta nossa originalidade, nossa memória, nossos valores mais autênticos.

Tal objetivo será perseguido mediante a realização de eventos de cunhos pedagógicos, artísticos, intelectuais, esportivos e de congraçamento que terão sua culminância na inauguração do Movimento a Zumbi dos Palmares, Lei de nº 698.

Deputado José Miguel

Em matéria de comunicação, estou certo de que a música é a linguagem universal por excelência. Assim como recebemos as obras-primas de outros países, temos divulgado lá fora a força da nossa arte, sobretudo a popular, que hoje se encontra presente até mesmo em nações mais desenvolvidas, o que nos enche de orgulho.

Quando se está na França ou nos Estados Unidos, freqüentando os grandes magazines, é comum ouvir-se músicas de Vinícius, Tom, Martinho, Roberto Carlos ou Jorge Ben, numa emoção que só experimenta quem é bom brasileiro.

O mesmo pode ser dito com relação à África — a que estamos ligados desde praticamente a origem da nossa nacionalidade, quando para aqui vieram os primeiros negros, utilizados como escravos. Nossa arte popular tem muito da África, e vice-versa. Por que, então, a distância nos separa? Com um pouco de imaginação e boa vontade, estamos encurtando esses caminhos, e fazendo da necessária integração um fator de relacionamento.

Frise-se que nem o idioma pode servir de obstáculo, pois há diversos países africanos que falam a língua portuguesa, como Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Se estamos ligados à cultura africana, inclusive através do idioma, há de ser louvada a iniciativa de Martinho da Vila — uma glória da música popular brasileira — no sentido de preservar esses valores e projetá-los neste universo cada vez mais carente de coisas sensíveis como a arte e tudo o que ela representa.

Delicidades para o nosso Kizomba — 2º Encontro Internacional de Arte Negra.

O grande abraço do seu admirador

ARNALDO NISKIER

Nossas profundas raízes negras exigem de nós permanente circulação da seiva cultural com os povos africanos para que haja uma saudável e contínua alimentação da árvore civilizatória brasileira.

MODESTO DA SILVEIRA



A Kizomba é uma celebração da cultura negra.

Cultura como o próprio conceito define, abrange todas as manifestações espirituais e materiais de um povo. No caso particular da Cultura Negra, observamos a evolução dos seus diversos ramos, deixando a condição de colonizada para o estágio de cultura libertária.

O II Encontro Internacional de Artes Negras — KIZOMBA, será mais uma celebração da Cultura Negra nas suas várias manifestações de país para país. A KIZOMBA, por tudo isso, é um encontro de entrelaçamento de culturas, de troca de experiências entre povos diversos, de aprendizagem da luta de libertação contra todos os regimes de opressão.

A Cultura Negra tão rica, complexa e atual, vem conviver de perto com a Comunidade Negra do Rio de Janeiro, fazendo ecoar a música ao ritmo delirante dos tambores e acordes dissonantes; fazendo-se ouvir em letras musicais e poesias de protesto social; fazendo nossa percepção captar os traços das esculturas e as cores de desenhos que materializam uma realidade as vezes alegre outras vezes triste; fazendo do perfil negro uma estética bela; fazendo do modo de vestir um estilo próprio do africano; enfim, a KIZOMBA, como disse, vem celebrar o entrelaçamento de culturas de países diversos; mas unidos pela identidade racial, de 19 a 23 de novembro, na UERJ, farão do Rio de Janeiro, além de capital cultural do país, o centro das atenções internacionais para este evento de grande envergadura política-cultural.

BENEDITA DA SILVA

OPINIÕES

Há um verso de um samba da dupla Luis Reis-Haroldo Barbosa que diz que "a dor da gente não sai no jornal". O que Haroldo Barbosa, o letrista, quis dizer é que há muita coisa nos subterrâneos da sociedade que não é notícia. Às vezes, passa para a literatura, para o teatro, para o cinema, mas, como pertence ao nosso cotidiano, não sai no jornal nem nas emissoras de rádio e de televisão. Não constitui novidade.

Uma dessas coisas é o racismo no Brasil. Apenas quando algum negro resolver protestar (se for um negro famoso, melhor), os veículos de comunicação decidem incluir o fato em seu noticiário. Mas quem vive o dia a dia da vida brasileira sabe que o racismo come solto, na disputa do emprego, na publicidade, em boa parte das casas de classe média, etc. Nesse sentido, somos uma sociedade hipócrita. Nesse e em outros, pois somos um povo pacífico, mas estamos acabando com os índios; somos cordiais, mas confinamos nossas empregadas domésticas em cubículos que a arquitetura oficial limita a pouco mais do que é estabelecido para as casas de cachorro.

Como jornalista, milito há muitos anos na área da música popular e do futebol, duas paixões dos brasileiros, duas atividades em que a presença do negro é fundamental. No entanto, sei que, nessas áreas, o racismo brasileiro esteve presente da maneira perversa e disposta a impedir que se transformassem nas raras portas em que o negro podia abrir para conquistar a sua condição de ser humano em nosso País. Na sede do Vasco da Gama, há uma

placa informando que, se não fosse o Vasco, Pelé não teria existido. Ou seja: o mundo não teria conhecido o maior jogador de futebol de todos os tempos. É que o Vasco foi o primeiro clube do Brasil a incluir negros em suas equipes de futebol, mesmo tendo que enfrentar o risco de ser excluído da convivência com os demais clubes do Rio de Janeiro. Os seus rivais — Fluminense, Flamengo, Botafogo, etc. — não admitiam jogar contra um clube que tivesse negro em seu time. E o Vasco tinha 12, entre titulares e reservas. Pressionado para retirar os atletas negros, o Vasco preferiu retirar-se da entidade dos clubes, a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos. Foi essa luta vascaína que revolucionou o futebol, em plena década de 20, transformando-o num esporte popular, e não numa atividade exclusiva de brancos ricos e estrangeiros.

Cantar, dançar ou tocar samba já foi crime neste País. As pessoas eram presas não só por causa do samba, como também por adotar religiões de origem negra. As religiões obtiveram, antes da música, o direito de reunir os seus adeptos. João da Baiana que, se vivo fosse, completaria 100 anos em 1987, me contou que, muitas vezes, fazia sessões de samba em locais destinados às religiões. A burocracia oficial era incapaz de distinguir o que era samba e o que era religião.

Hoje, o racismo não persegue, como naquele tempo. Hoje, ele é dissimulado e habilidoso. Mas confinou os negros nas favelas e no sub-emprego. Deixou de ser notícia.

SÉRGIO CABRAL

Tudo que foi realizado de bom e positivo no Brasil custou muito esforço e sacrifício, ao contrário do que dão a entender muitos dos nossos historiadores, que costumam apresentar os avanços e conquistas sociais do povo brasileiro como dádivas generosas das classes dominantes. A versão oficial da abolição da escravidão é um exemplo disso. E o mesmo se passa nos tempos atuais, em outro nível, com o reconhecimento da importância da contribuição africana para a formação cultural brasileira e do próprio relacionamento do Brasil com os povos da África. Apesar de tão evidente, essa

importância só aos poucos vai sendo reconhecida em grande escala, graças, sobretudo, à luta abnegada e ao trabalho desprendido de homens como o cantor e compositor Martinho da Vila. Através de eventos como a Kizomba e o Canto Livre de Angola, ele tem feito mais pela identificação das nossas raízes e pela aproximação entre o Brasil e os povos africanos do que muitas entidades oficialmente incumbidas dessas tarefas".

Artur José Poerner, jornalista e escritor

("Cadernos do Terceiro Mundo")



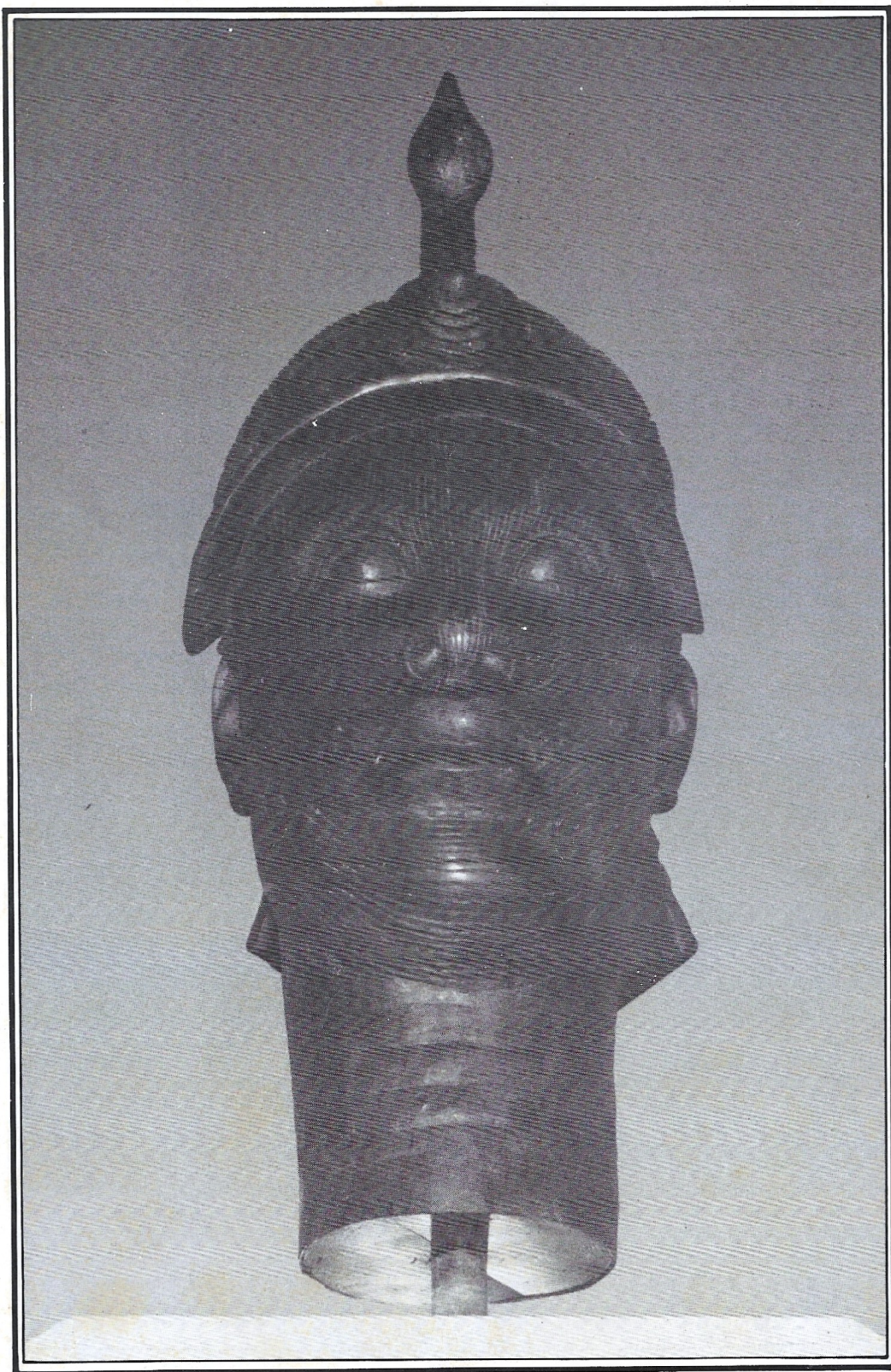
KIZOMBA

2º ENCONTRO INTERNACIONAL DE ARTE NEGRA

— é o momento
de comunhão
dos irmãos
de raça sob a égide
da cultura e da
recriação do
patrimônio cultural
negro da diáspora.

josé miguel

MONUMENTO ERGUIDO AO LIDER NEGRO



ZUMBI

RIO DE JANEIRO BRASIL

axé